

A UTILIZAÇÃO DE DIÁRIOS DE AULA NO CURSO DE MESTRADO DA UFN: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ivan de Freitas Vasconcelos Junior¹, Eliane Aparecida Galvão dos Santos²

RESUMO

O presente trabalho traz apontamentos sobre o uso dos diários de aula em uma disciplina do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana (Santa Maria/RS). Nesse cenário, o objetivo é apresentar uma reflexão acerca da utilização dos diários como estratégia de formação. Utilizou-se como metodologia o relato de experiência e a revisão bibliográfica. Os resultados demonstram que o uso dos diários de aula auxilia a reflexão (dos mestrandos) sobre o percurso vivenciado como pessoa e profissional, possibilitando a realização de autoavaliações e reelaborações em suas práticas profissionais. Da mesma maneira, verificou-se que o diário pode proporcionar o crescimento pessoal, pois, por meio dos registros de narrativas, os mestrandos assumiram o compromisso de deixar claro o que aprenderam dos conceitos-chave de temas trabalhados em aula, proporcionando uma análise de seu envolvimento no processo de aprendizagem. Isso possibilitou assumir a responsabilidade de seu processo formativo e o *feedback* do aprendizado.

Palavras-chave: Formação. Prática Pedagógica. Autoavaliação. Estratégia de ensino e aprendizagem.

Eixo Temático: Educação, Cultura e Comunicação.

1. INTRODUÇÃO

As relações tradicionais entre professor-aluno-conhecimento requerem a elaboração de novos contratos didáticos, baseados em novos procedimentos. A utilização do diário de aula pode ajudar na construção de um contrato didático com intencionalidade pedagógica emancipatória.

Os docentes e discentes participam mutuamente no processo de ensinar e aprender. Em uma perspectiva emancipatória, essa reciprocidade viabiliza o percurso de formação e fortalece a construção da autonomia de sujeitos. Nesse

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana (Santa Maria/RS) – ivan_junior_neo@hotmail.com.

² Orientadora. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana (Santa Maria/RS) – eliane@ufn.edu.br.

contexto, este trabalho aborda a relevância dos registros em diários de aula para o processo de reflexão crítica dos mestrandos. Os diários de aula possibilitam que o sujeito reflita sobre sua prática, podendo, dessa forma, redimensionar, qualificar sua atuação profissional.

Nem sempre a prática reflexiva se faz presente no exercício da aula, desse modo, Zabalza (2004a) relata uma possibilidade para os sujeitos realizarem reflexões sobre suas práticas através de registros em diários de aula, tomando nota dos sentimentos e das percepções sobre sua ação pedagógica.

Na perspectiva de um contrato didático, os diários de aula constituem-se em uma estratégia que envolve professores e estudantes, estimulando-os a assumir um compromisso na construção do conhecimento, tomando como base a participação colaborativa. Assim, o objetivo deste artigo é realizar uma reflexão acerca da utilização dos diários nas aulas de Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana (Santa Maria/RS), a partir da perspectiva do aluno.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo bibliográfico com o relato de experiência do autor, o qual vivenciou nas aulas de Formação e Práticas Docentes do Curso de Mestrado em Ensino de Humanidade e Linguagens da Universidade Franciscana, localizada em Santa Maria/RS.

A pesquisa bibliográfica tem a finalidade de aprimorar e atualizar o conhecimento, através de uma investigação científica em obras já publicadas. Trata-se, portanto, de um “exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 183).

O relato de experiência é um método de produção de conhecimento que aborda as vivências do autor (acadêmica-profissional), cuja principal característica é a descrição da intervenção com embasamento científico e reflexão crítica (LUDKE; CRUZ, 2010).

Para fins de esclarecimento, o primeiro autor participou das aulas na condição de aluno do mestrado, enquanto a segunda autora participou na condição de professora da disciplina, no primeiro semestre de 2021. Nesse processo, a professora desafiou os mestrandos à escrita de diários como “uma forma de distanciamento reflexivo que nos permite ver em perspectiva nosso modo particular de atuar. E, além disso, uma forma de aprender (ZABALZA, 2004, p.10).”

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Entendendo os diários de aula: princípios e contribuições

A utilização do diário de aula busca estimular a dialogicidade entre os saberes práticos e teóricos, por meio da escrita de registros com características reflexivas. Ao abordar o uso dos diários na atividade docente, Zabalza (2004a) explica que o diário de aula possibilita uma análise do indivíduo em quatro aspectos: a avaliação, os dilemas, o reajuste de processos e desenvolvimento pessoal e profissional.

O diário permite escrever sobre as vivências e os dilemas da atuação profissional, possibilitando organizar as ideias e emoções, analisá-las e dividi-las com outros sujeitos. São ocasiões em que o sujeito avalia a si próprio, as suas decisões, a gestão de suas aulas ou atividades profissionais, bem como os impasses enfrentados. Nesse panorama, entende-se os diários como um processo de avaliação e reajustes que permitem aos sujeitos um distanciamento reflexivo do vivido, seja no contexto profissional ou pessoal.

No entendimento de Zabalza (2004b, p.126), “a ideia de um profissional reflexivo transformou-se em um dos postulados básicos da nova profissionalização”. O autor considera que a prática tem que ser planejada de modo que o conhecimento sobre a prática vá “crescendo à medida que vai documentando seu desenvolvimento e sua efetividade”. Nesse sentido, assevera que “refletir não é retomar constantemente os mesmos assuntos utilizando os mesmos argumentos; na

verdade é documentar a própria atuação, avaliá-la [...] e implementar os processos de ajuste que sejam convenientes” (ZABALZA, 2004b, p.126)

Para o desenvolvimento profissional contínuo, Zabalza (2004a) propõe 5 (cinco) etapas em formato cíclico em que, primeiramente, é necessário tomar consciência dos próprios atos para depois relacionar às ações profissionais (2º passo). Na sequência, a compreensão do significado dessas ações (3º passo) possibilita o processo de tomada de decisões (4º passo), permitindo, por sua vez, a realização de melhorias na atuação até o início de um novo ciclo. Essa sistemática permite ao sujeito uma reflexão contínua através da narração do que aconteceu, um retorno imediato (*feedback*) e a possibilidade de compartilhamento de experiências.

O uso de diário não cabe somente ao professor, muito pelo contrário, ele pode ser aplicado no processo formativo do estudante. A escrita do diário possibilita a autoavaliação dos estudantes e o reconhecimento da importância de sua colaboração no andamento da aula. Os alunos podem, por exemplo, realizar uma releitura da aula a partir das constatações descritas no diário. Isso dá ao estudante os subsídios para que o professor possa avaliar seu trabalho.

O diário também proporciona o acompanhamento do percurso formativo, permitindo com que o estudante avalie a evolução da aprendizagem, reorganize e corrija os rumos de sua formação. Freitas *et al* (2021, p. 124), entende que:

Na visão dos alunos, o diário de aula “ajuda a lembrar, a ficar mais ligado na aula e a aprender mais”. Todavia, as finalidades do uso do diário não são percebidas de imediato. [...] É somente a partir da própria experiência, como já foi mencionado, que o porquê, o para que e o como fazer são visualizados, e o diário de aula vai sendo percebido em suas diferentes contribuições.

Nessa perspectiva, ressalta-se as contribuições do uso de diários nas atividades pedagógicas em sala de aula, que engrandecem o processo formativo do aluno e a prática docente. Mais uma vez Freitas *et al* (2021, p. 129) contribui com o tema ao constatar que, como procedimento didático, “o diário dá visibilidade à aula como um espaço potencial de produção de conhecimento e mobiliza a participação de professores e alunos para que tal potencialidade se operacionalize”. O autor ainda comenta que, no contexto do desenvolvimento profissional, o diário de aula “contribui para o aprofundamento da compreensão acerca da complexidade do

diálogo entre o ensinar e o aprender e desafia a mediação docente a ser exercida para a promoção da autonomia” (FREITAS *et al*, 2021, p. 129).

A experiência com o uso de diários também é pautada pela atribuição de sentidos que vão alterando as relações do estudante com seu diário. De acordo com Freitas *et al* (2021), os estudantes vão deixando de avaliar a aula como algo externo a si e, aos poucos, passam a se incluir no processo.

O processo de leitura dos registros permite explorar o potencial do diário como catalizador da qualidade da participação dos discentes nas dinâmicas das aulas. Os saberes construídos nessas experiências se ampliam através da óptica dos discentes, permitindo compreender o valor do diário de aula na busca do autoconhecimento e crescimento pessoal e profissional.

As narrativas escritas em diários conduzem a um processo de tomada de consciência (autoconhecimento) em uma relação do sujeito com o saber. Marie-Christine Josso aborda esse tema no livro intitulado “Experiências de vida e formação”. Ao formular as perguntas “O que aconteceu para que eu viesse a ter as ideias que hoje tenho?” e “Como as experiências da minha vida contribuem para os sentidos que dou àquilo que vivi?” (JOSSO, 2001, p. 115), a autora esclarece que escrever sobre si não é tarefa das mais fáceis, já que pensar sobre a trajetória de vida, os caminhos e desvios escolhidos, pode causar inquietação, desconstruir ou reconstruir o conhecimento de si. A autora aponta que “o trabalho biográfico faz parte do processo de formação; ele dá sentido, ajuda-nos a descobrir a origem daquilo que somos hoje.” (JOSSO, 2004, p.130).

A escrita desvela representações da identidade do sujeito e de suas influências, dessa maneira, pode-se afirmar que o exercício de autoria se constitui em uma atividade individual carregada de subjetividade. Essa atividade permite fazer questionamentos sobre si, na tentativa de compreender o momento presente através de reflexões sobre o passado, vislumbrando caminhos futuros. Esse processo de escrita permite organizar as vivências, refletir sobre elas, trazer significação e torná-las experiências de vida.

Nesse panorama, Josso (2004, p. 143) defende a ideia da “experiência” como “formadora”, no sentido de se basear na compreensão da formação do sujeito no decorrer de sua trajetória de vida.

A experiência pode tornar-se em tal a posteriori de um acontecimento, de uma situação, de uma interação; é o trabalho de reflexão sobre o que se passou; mas uma atividade qualquer é também experiência desde que o sujeito se conceda os meios de observar, no decorrer da atividade, o que se passa e reflita sobre o que esta observação lhe traz como informação sobre a atividade empreendida. Em outras palavras, uma experiência é uma ação refletida a priori ou a posteriori.

A autora entende que a experiência está intimamente relacionada à reflexão, assim, o indivíduo transforma aquilo que ele viveu em experiência através de um processo de “consciência”. Isso significa dizer que é nas histórias de vida que se desenvolvem as experiências individuais (experiências formadoras).

A experiência, as experiências de vida de um indivíduo são formadoras na medida em que, a priori ou a posteriori, é possível explicitar o que foi aprendido (iniciar, integrar, subordinar), em termos de capacidade, de saber-fazer, de saber pensar e de saber situar-se. O ponto de referência das aquisições experienciais redimensiona o lugar e a importância dos percursos educativos certificados na formação do aprendente, ao valorizarem um conjunto de atividades, de situações, de relações, de acontecimentos como contextos formadores (JOSSO, 2004, p.235).

A experiência se constitui a partir da biografia de cada indivíduo e da construção de sua formação. Isso permite a criação e a recriação das significações a respeito do que foi aprendido a fazer, a ser e a pensar. Desse modo, a formação se dá na inter-relação de ação e significação, partindo-se daquilo que foi vivido pelo indivíduo.

3.2O uso do diário de aula na perspectiva do aluno

Esta seção reflexe as impressões do primeiro autor deste texto, na ocasião da elaboração de seu diário nas aulas da disciplina “Formação e práticas docentes” do Mestrado Acadêmico em Ensino de Humanidades e Linguagens (MEHL). Essa proposta foi apresentada pela professora como atividade de registro reflexivo do processo vivenciado nas aulas durante o semestre.

Cabe o esclarecimento que o autor nunca teve por hábito a elaboração de diários, realização de anotações sobre seus pensamentos, reflexões, sentimentos ou coisas do tipo. Nesse sentido, o diário elaborado não foi distribuído por datas como comumente é apresentado. Resolveu-se trazer as impressões em forma de relatos, conforme o desenrolar dos acontecimentos, desse modo, não se ateve às datas, mas aos aspectos que mais chamou a atenção nesse percurso acadêmico.

As impressões iniciais dessa proposta foram as melhores possíveis e logo houve a assimilação do propósito da atividade. Passadas algumas semanas de aulas da disciplina, a professora deu abertura para que os alunos expusessem as marcas de sua formação, trabalhando reflexivamente aquilo que fez constituir como pessoa e profissional que somos. Essa atividade foi instigante pelo fato de proporcionar que os mestrandos buscassem traçar um caminho reflexivo da sua trajetória para então elaborar o conceito de formação e discutir, pesquisar, criar modos de estudar os demais temas trabalhados na disciplina como: paradigmas educacionais, professor reflexivo, identidade docente, saberes docentes, entre outros.

Tratou-se de uma estratégia interessante por estimular a busca do autoconhecimento e do refletir sobre si. Ao escavar nas profundezas da memória, os estudantes foram trilhando um caminho desafiador. Muitas reminiscências vieram à tona e as marcas da formação puderam servir de movimento reflexivo para pensar a formação de professores no atual contexto, pois a disciplina trabalha fortemente com os conceitos de ensino, formação e desenvolvimento profissional e docência.

A tessitura de processos formativos e a apresentação das marcas desse processo, possibilitou um compartilhamento de emoções entre os mestrandos. Muitos puderam se identificar nos processos de formação dos outros e compartilhar um pouco de suas experiências. Muitos relataram que as marcas partiram do núcleo familiar, seguindo exemplos dos pais ou dos parentes, outros partiram de referências externas, como professores, entendendo assim como constituímos nossa identidade como docentes.

As aulas possibilitaram refletir sobre o desenvolvimento pessoal e profissional, bem como, o processo formativo e o papel do professor. Nesse panorama, a

formação de professores busca entender e estudar “os processos através dos quais os professores [...] se implicam individualmente ou em equipe, em experiências de aprendizagem através das quais adquirem ou melhoram os seus conhecimentos” (GARCIA, 1999, p. 26).

Assim, o conceito “formação” é entendido como algo continuado, em uma interrelação da teoria com a prática, ou do conteúdo acadêmico com a prática pedagógica. Vale ressaltar que a formação continuada não se dá unicamente na realização de cursos ou palestras, ela também se dá por meio das “vivências educativas que permitem uma reconstrução da identidade pessoal e profissional de sujeitos em contextos de mudanças através de reflexões coletivas” (MASETTO, 2012, p. 33).

A formação docente está intimamente imbricada com a questão dos saberes docentes. Nesse ponto, Tardif (2002, p. 48) traz reflexões muito interessantes acerca dos saberes experienciais, definido como um “conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da profissão docente e que não provém das instituições de formação nem dos currículos.” Os saberes experienciais têm origem na prática cotidiana em sala de aula e desenvolve “experiências” nos professores.

Ainda segundo o autor, a prática docente não favorece somente essas experiências, mas permite que o sujeito possa avaliar os outros saberes (curriculares e disciplinares). Nesse cenário, a prática pode ser entendida como processo de aprendizagem em que professores retraduzem a formação que tiveram, adaptam às novas conjunturas da profissão e eliminam aquilo que não tem relação com as suas realidades.

Nesse panorama, o professor continua a trabalhar a formação de sua prática docente, através de um olhar sobre si (intrapessoal), que provoca uma retomada crítica (retroalimentação) daqueles saberes adquiridos em ambientes (contextos) externos à prática profissional.

Desse modo, a disciplina “Formação e práticas docentes” possibilitou a continuidade da formação do autor deste artigo, não somente através do debate teórico realizado em aula, mas por oportunizar a troca de experiências e o compartilhamento de saberes. A utilização do diário de aula, por exemplo, permitiu a

utilização da expressão escrita para o registro de vivências e percepções dos fatos acontecidos ao longo dos anos. Nesse ponto, pode-se inferir que a experiência articula a ação, a interpretação e a representação do vivido, conforme abordado por Josso (2004).

Em uma última análise, acredita-se que a atividade proposta pela professora da disciplina de “Formação e práticas docentes” vem ao encontro das considerações apontadas por Behrens (2009), pois possibilita dar mais subsídios para que o mestrando, enquanto aluno em busca de uma formação continuada, possa desenvolver suas múltiplas inteligências.

Dentre as múltiplas inteligências, cabe um destaque para a inteligência intrapessoal, pois a estratégia do diário de aula estimulou a capacidade de conhecer a si mesmo. A inteligência intrapessoal está no bojo dos aspectos abordados na visão sistêmica (ou holística), que busca superar a fragmentação do conhecimento, resgatar o ser humano em sua totalidade e formar o cidadão cognoscente (BEHRENS, 2009).

Esse é um dos aspectos mais interessante do MEHL, já que busca oferecer uma formação continuada com a preocupação de dar suporte e desencadear a reflexão com os docentes, nesse caso específico, reflexões acerca da formação e das práticas docentes.

4. CONCLUSÃO

A proposição da disciplina por meio da escrita de diários de aula demonstrou ser uma estratégia de ensino muito interessante. Por meio da escrita, os discentes se colocaram em um lugar e um tempo de refletir sobre o sentido das situações e acontecimentos pessoais, sociais e profissionais que influenciaram e influenciam o seu processo formativo, aumentando assim a capacidade de se perceberem como sujeitos que aprendem ao longo de sua trajetória.

Da mesma maneira, o diário possibilita o crescimento pessoal do estudante que, por meio de narrativas diárias, assume o compromisso de expor aquilo que

aprendeu ou o que assimilou dos conceitos-chave e dos temas trabalhados em sala de aula. Isso permite uma análise do processo e o *feedback* de aprendizagem.

O mundo cada vez mais veloz não permite que os professores e os alunos façam uma parada para refletir sobre suas práticas, suas vivências e o andamento da aprendizagem. Se o sujeito não parar, ordenar os pensamentos e analisar o fazer ou a evolução da aprendizagem, como o professor ou o aluno pode evoluir como sujeito? Nesse contexto, a utilização do diário pode ser uma resposta adequada para a pergunta, já que esta prática proporciona que o sujeito se distancie de sua prática e a reavalie.

Ao finalizar este artigo, espera-se ter atendido ao objetivo inicial do trabalho. Por entender que o assunto não esteja esgotado, aponta-se, portanto, para a necessidade de realização de outras produções, partindo das lacunas existentes no estudo.

REFERÊNCIAS

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 1999.

FREITAS, A. L. S. de.; GESSINGER, R. M.; GRILLO, M. G.; LIMA, V. M. do R. **A gestão da aula universitária na PUCRS**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. 170 p. Disponível em: <https://noctuam.files.wordpress.com/2018/05/agestaodaaula.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2022.

GARCIA, C. M. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto, 1999.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas 2003.

LÜDKE, M.; CRUZ, G. B. DA. Contribuições ao debate sobre a pesquisa do professor da educação básica. **Formação Docente - Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 2, n. 3, p. 86-107, 18 dez. 2010. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbfp/article/view/20/18>. Acesso em: 17 set. 2022

MASETTO, M. **Inovação no ensino superior**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.



TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ZABALZA, Miguel. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004a.

ZABALZA, Miguel. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas**. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004b.